
5 CANAIS DIALÓGICOS: UMA PERSPECTIVA PLURAL ACERCA DO LETRAMENTO

Ueliton André dos Santos Silva

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia ofertado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Psicologia pela Faculdade Regional da Bahia (UNIRB). Integrante do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens - GEREL/CNPq-UNEB.

E-mail: ueliton_andre@hotmail.com

RESUMO

Este estudo apresenta o letramento social como um instrumento importante no processo formativo humano. A pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva e os dados foram coletados de livros, periódicos científicos e repositórios virtuais de teses. Os resultados do estudo mostram que o desenvolvimento humano é um processo sócio-histórico e semiótico, mediado por signos, significados e significantes. Isso posto, é importante criar canais dialógicos para a coexistência humana em suas múltiplas formas de ser e se fazer enquanto membros integradores e construtores do mundo material, simbólico e cultural. O letramento social permite ao sujeito ler, entender e atuar sobre seu meio de forma ativa e crítica. A consciência é marcada pelas relações e interações que os indivíduos estabelecem consigo, com os outros e com o entorno social, promovendo mudanças no campo do real. Embora os significados sociais já estejam postos a priori, é possível a construção de significados pessoais ou sentidos.

Palavras-chave: Signos. Letramento Social. Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

This study presents social literacy as an important tool in the human formative process. The research is qualitative and descriptive in nature and data were collected from books, scientific journals and virtual repositories of theses. The results of the study show that human development is a socio-historical and semiotic process, mediated by signs, meanings and signifiers. Therefore, it is important to create dialogical channels for human coexistence in its multiple forms of being and doing as integrating and building members of the material, symbolic and cultural world. Social literacy allows the subject to read, understand and act on their environment in an active and critical way. Consciousness is marked by the relationships and interactions that individuals establish with themselves, with others and with the social environment, promoting changes in the field of reality. Although social meanings are already a priori, it is possible to construct personal meanings or senses.

Keywords: Signs. Social Literacy. Human Development.

4.1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo se apresenta de forma complexa e exige das pessoas um olhar crítico sobre os diversos elementos que compõem sua rede estruturante e estruturadora — educação, política, economia, relações internacionais etc. Embora sejam notórias a interconexão e a relação existente entre esses elementos, o presente trabalho busca trazer uma reflexão direcionada ao contexto educacional. Ao se assumir que as culturas, notadamente na sociedade contemporânea, encontram-se em contínuo processo de interação e (re)construção, é importante trazer ao campo de discussão investigações que possam ser operacionalizadas e aplicadas como subsídios para um fazer educacional comprometido com a valorização e respeito das diferentes culturas, ou seja, os múltiplos modos que são mobilizados pelos seres humanos em seu processo formativo.

Mediante os argumentos apresentados, este estudo tem por objetivo apresentar uma reflexão teórica para posicionar o letramento social como sendo um elemento profícuo na consolidação de uma educação que tenha como propósito o estabelecimento de uma formação centrada no desenvolvimento humano de forma emancipatória e crítica. Dito isso, busca-se elaborar uma discussão que contemple a dialogicidade entre a dimensão social e a dimensão individual enquanto componentes integradores dos indivíduos e, deste modo, estabelecer uma linha analítica e reflexiva que assente os educandos como agentes ativos durante todo seu processo de formação e desenvolvimento.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira seção, é realizada uma breve descrição de alguns processos históricos, como o Renascimento e a Colonização no território brasileiro, cujo objetivo é identificar elementos importantes que nos possibilitem compreender como determinadas categorizações emergiram sobre grupos humanos específicos e as ressonâncias desses fenômenos atualmente.

Na segunda seção, é elaborada uma articulação que visa posicionar o letramento social como um fenômeno plural, no qual se pretende apontar novos caminhos para a trajetória de formação e desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, uma articulação que vise contemplar a coexistência das múltiplas formas de ser e estar no mundo. Na terceira seção, apresenta-se uma concepção sócio-histórica de base vigotskiana acerca do desenvolvimento humano vinculado ao pensamento freiriano, na qual se busca indicar como o indivíduo transforma seu meio social à medida que é por ele transformado.

Para a concretização deste trabalho foi adotada a metodologia bibliográfica de natureza qualitativa e de caráter descritivo. Portanto, os materiais que compõem o referencial teórico

foram coletados a partir de livros, periódicos científicos e repositórios de dissertações e teses virtuais. Após a análise dos dados levantados na fase investigativa, obtivemos os seguintes resultados: o desenvolvimento humano é um processo contínuo e que sofre influência das relações e interações que os indivíduos estabelecem ao longo de sua trajetória de vida. Desta forma, estamos diante de um processo que se consolida a partir de aspectos marcados pela mediação: sujeito/sujeito e sujeito/entorno social. Assim, é possível denotar que o desenvolvimento humano é um processo semiótico marcado por múltiplos signos, significados, significantes e sentidos. Portanto, é de suma importância criar canais dialógicos que ofereçam a possibilidade da coexistência humana em suas múltiplas formas.

4.2 ALGUNS PASSOS ACERCA DA HISTÓRIA

A construção de sentidos não se configura como uma tarefa simples. Enquanto seres sociais, estamos constantemente nos inserindo em novas relações e, com elas, emergem novas articulações e formulações acerca de si, do outro e do entorno. Por exemplo, ao começarmos um novo emprego ou mudarmos para uma nova cidade, somos confrontados com novas pessoas, culturas e experiências que podem desafiar nossas percepções anteriores e nos levar a repensar nossas crenças e valores.

Isso posto, gostaria de abrir nossa discussão partindo da seguinte explanação oferecida por Paulo Freire (2013, p. 21): “Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser [...]” Sob essa articulação, é possível observar que somos tomados por múltiplas redes de signos e com elas seus significantes, significados e sentidos. Por exemplo, ao ouvirmos uma música ou lermos um livro, podemos interpretá-los de maneiras diferentes dependendo de nossas experiências passadas e do contexto em que estamos inseridos.

É partindo dessa ideia de multiplicidade que me posiciono acerca de um fazer educacional que seja um campo fértil onde as múltiplas formas de ver, ler e entender o mundo possam coexistir. Isso significa criar espaços onde diferentes perspectivas possam ser compartilhadas e discutidas abertamente, permitindo que os alunos desenvolvam suas próprias compreensões do mundo ao seu redor.

Nesse sentido, a temática *Canais dialógicos: uma perspectiva plural acerca do letramento* surge frente à necessidade de se materializar estudos que sirvam de instrumento de luta e resistência mediante os inúmeros processos de desqualificação e desumanização que permeiam os diferentes cenários sociais. Por exemplo, podemos observar como certas formas

de arte e cultura são valorizadas e promovidas enquanto outras são marginalizadas e desvalorizadas.

Em meio a essa conjuntura, verifica-se que a concepção de ser humano que circula na atualidade é uma herança do Renascimento, uma vez que é a partir desse período que ele passa a ser entendido como o centro do mundo (NOGUEIRA, 2011). Isso significa que a visão dominante do ser humano é centrada em uma perspectiva individualista e antropocêntrica, onde o homem é visto como o principal agente de mudança e progresso. Nesse caso, especificamente observa-se a produção de uma centralidade que posiciona o homem branco heterossexual como padrão de humano universal.

No entanto, essa visão pode ser desafiada por outras perspectivas que enfatizam a importância das relações sociais e da interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente. É nesse contexto que surge a importância do letramento social como uma ferramenta para promover uma comunicação mais autêntica e significativa na vida real, permitindo que as pessoas se conectem com suas próprias experiências e com as experiências dos outros de maneira empática (MIGNOLO, 2008).

Conforme relato histórico, o Renascimento foi um movimento europeu que ocorreu em meados do século XIV e se estendeu até o final do século XVI. Durante esse período, houve um florescimento das artes, da literatura e da ciência, bem como uma mudança na maneira como as pessoas viam a si mesmas e ao mundo ao seu redor. As ideias de superioridade e inferioridade constituídas nesse período acerca da figura humana se expandiram e ganharam forma em todo o continente ocidental (NOGUEIRA, 2011).

É justamente nesse cenário que eclodem as Grandes Navegações e, com isso, inicia-se o colonialismo no território brasileiro. Esse processo foi marcado pela exploração e dominação de povos indígenas e africanos pelos colonizadores europeus. Um registro explícito desse processo de subalternização e dominação de indivíduos específicos pode ser visto na escravidão, uma vez que “por mais de três séculos, as principais atividades econômicas mercantes brasileiras basearam-se no trabalho do negro escravizado” (NOGUEIRA, 2011, p. 11). Essa história de exploração e opressão deixou marcas profundas na sociedade brasileira que ainda podem ser vistas hoje. É importante reconhecer e enfrentar esse passado para construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

Isso posto, fica explícito que a posição que o ser humano passou a ocupar após o Renascimento não contemplou os indivíduos de modo universal, mas sim o homem europeu — branco, heterossexual e intelectualizado da alta sociedade. Essa visão limitada do ser humano teve consequências profundas e duradouras, cujos efeitos ainda podem ser vistos nas mais

diferentes zonas da sociedade. Ela se manifesta de múltiplas formas, como o racismo, o sexismo, a homofobia e o preconceito linguístico.

Como afirma Mignolo (2008), os discursos imperiais oriundos do contexto europeu silenciaram as vozes daqueles indivíduos demarcados como inferiores — negros, indígenas, mulheres e pobres. Esses grupos foram excluídos das narrativas dominantes e suas histórias e experiências foram ignoradas ou distorcidas. Isso teve um impacto profundo na maneira como esses grupos são vistos e tratados pela sociedade. Ademais, é importante reconhecer que essas vozes silenciadas têm muito a nos ensinar. Ao ouvir e valorizar as histórias e experiências desses grupos, podemos construir uma compreensão mais rica e diversa do mundo ao nosso redor. É por isso que é tão importante promover o letramento social como um elo de comunicação com a vida real.

4.2.1 Estratégias de Dominação X Estratégias de Resistência

Em decorrência das relações de opressão e dominação que se estabeleceram, as línguas, as religiões e a própria produção epistêmica foram racializadas e devidamente controladas (MIGNOLO, 2008). Isso significa que certas formas de conhecimento e expressão foram valorizadas enquanto outras foram marginalizadas ou suprimidas. Para efetivar a conformação dos sujeitos ao modelo conferido pelo poder imperial, fez-se necessário a implantação dos dispositivos de controle, dos quais o próprio discurso é um exemplo.

De acordo com Agamben (2009), os dispositivos de controle (escrita, governo, literatura, filosofia, linguagem etc.) referem-se a todo e qualquer mecanismo cujo foco está em reter, orientar, modelar e controlar os indivíduos. Esses dispositivos podem assumir diferentes formas e podem ser encontrados em todas as áreas da vida social. Por exemplo, podemos pensar em como a educação é usada para moldar as crenças e valores dos indivíduos ou como a mídia é usada para influenciar a opinião pública. Entretanto, é importante lembrar que esses dispositivos de controle não são onipotentes e que os indivíduos têm agência para resistir e desafiar essas estruturas de poder. Através do letramento social e da comunicação com a vida real, podemos desenvolver uma consciência crítica desses dispositivos de controle e promover ações em prol de um mundo mais justo e igualitário.

Ainda refletindo sobre esse processo de controle e dominação, conceitos como exame, disciplina, corpos dóceis e instituições de controle apresentados por Foucault (1999) oferecem a possibilidade de uma análise crítica acerca dos efeitos da colonização nas práticas de letramento. Esses conceitos nos ajudam a entender como o poder é exercido através de

mecanismos sutis e muitas vezes invisíveis que moldam nossas percepções e comportamentos. Com isso, é possível inferir a existência de uma malha de dominação que se perfaz nas diferentes esferas da sociedade, cujo objetivo é docilizar um público específico — os sujeitos categorizados como subalternos.

Nesse campo, os postulados de Agamben (2007) acerca dos conceitos de sagrado e profano oferecem-se como um instrumento de análise para entender o modelo ideal de indivíduo produzido pelo poder hegemônico e que invadiu a sociedade e as subjetividades humanas. Sob essa cadeia analítica, o fato de tornar algo sagrado está ligado à transferência de determinadas coisas ao uso dos deuses. Enquanto o profano se liga às coisas do livre uso dos homens. Desse modo, infere-se que com a nova roupagem conferida ao ser humano — homem europeu — durante o Renascimento, essa figura passa a ocupar uma posição que até então era ocupada pelos deuses. Este sujeito que emerge ao se apropriar dessa sacralização reconfigura as demarcações entre o sagrado e o profano.

Ao tornar algo sacralizado, seu uso é destituído do homem comum. Sendo assim, para haver uma restituição é preciso recorrer à profanação, artifício esse que permite desarticular e remontar o jogo, possibilitando que as instâncias sacras se tornem acessíveis às pessoas comuns (AGAMBEN, 2007). Dessa forma, a desobediência epistêmica apresentada por Mignolo (2008) apresenta-se como uma das estratégias para a profusão da profanação.

Nesse contexto, o contato por meio do letramento social é apresentado como uma das formas de estabelecer a profanação, uma vez que este propicia “um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso comum aquilo que o sagrado havia separado e petrificado” (AGAMBEN, 2007, p. 59). Portanto, o letramento social é aqui entendido como um mecanismo de problematização da realidade, bem como um promotor de ações que permitam aos indivíduos operar sobre seu meio social e encontrar ou produzir possíveis soluções para suas demandas sociais (FREIRE, 2019a, 2019b, 2013, 1989; STREET, 2014; PEREIRA, 2014). Uma caminhada com destino à emancipação e resistência frente aos modelos de normatização capitalista.

Nessa linha analítica, é válido expor as contribuições de Deleuze e Guattari (1996) para a problematização do assunto em tela. Esses autores apontam que as sociedades em sua organização apresentam estruturas que impõem uma formatação aos sujeitos e, com isso, lhes capturam não apenas seus corpos, mas também seus pensamentos e sua capacidade de produção e criação. Posto isso, a desobediência epistêmica defendida por Mignolo (2008) é inserida como uma ação ativa, um movimento cujo objetivo central é sensibilizar os ouvintes a escutar os

povos que foram subjugados e excluídos dos debates políticos, sociais e econômicos. Isto é, indivíduos cujas vidas foram e ainda são interpretadas como dispensáveis.

Frente a tais desafios, Freire (2019a; 2013) defende que a leitura do mundo é um elemento potencializador para a (re)inserção dos grupos subalternizados na sociedade ao oferecer a possibilidade de uma reescrita de si no meio ao qual estão inseridos. Sendo assim, busca-se romper com as engrenagens que operam para manutenção de uma educação com enfoque no acúmulo de riquezas e retroalimentação dos campos capitalistas. Nesse sentido, é fundamental pensar e inserir os indivíduos como agentes ativos no processo de (re)construção do quadro social.

4.3 DO LETRAMENTO BANCÁRIO AO LETRAMENTO EMANCIPATÓRIO

Nesse palco social, é oportuno observar que a palavra “letramento” por vezes é associada como sinônimo do processo de formação escolar dos indivíduos. Isso coloca a escola como instituição responsável por reconfigurar os sujeitos, impondo-lhes os padrões comportamentais desejados pelos detentores do poder hegemônico. Nesse sentido, as pessoas são consideradas meras receptoras dos conhecimentos avaliados como pertinentes para a formação do cidadão modelo. A essa modalidade de educação, Paulo Freire (2019a; 1989) denominou de educação bancária, cuja difusão do conhecimento não se define de forma ampla e isonômica de modo a salvaguardar o sujeito aprendiz. Assim, o que se verifica é a imposição de uma configuração na qual se apresentam as barreiras ou aberturas acerca dos conhecimentos a serem transmitidos ou negados.

Um ponto emblemático dessa questão é que determinados agrupamentos humanos são apagados enquanto agentes portadores de direitos e de histórias. Esse processo anula a escrita e a leitura de mundo daqueles que são tomados como inferiores. A partir disso, o que ressurgiu é a produção de indivíduos enquanto engrenagens para a retroalimentação do sistema. “Em síntese, no discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar à sua semelhança” (CRUZ, 2012, p.29). Deste modo, o processo de subalternização enraizado no modelo educacional neoliberal não apenas desumaniza pessoas, como também legitima determinadas práticas degradantes infringidas sobre determinados grupos.

Quando se advoga acerca de uma educação que faça frente aos modelos opressores, não estamos nos lançando em um jogo para inversão de papéis, em que o oprimido de hoje possa atuar como o opressor de amanhã. Antes, trata-se de uma educação dialógica, em que possamos

refletir sobre nossos atos diariamente e estabelecer contratos políticos conosco, com o outro e com o entorno que nos envolve e nos atravessa, posto que somos notadamente preenchidos por diferenças múltiplas (FREIRE, 2019a, 2013). Sendo assim, uma educação emancipadora se faz verdadeiramente quando o indivíduo consegue superar as teias opressoras, superando sua condição de oprimido e refletindo sobre sua condição de opressor. Pois como advoga Paulo Freire (2019), os seres humanos não se educam ou se libertam sozinhos. É só em relação e interação com os demais sujeitos que tais fenômenos fazem e têm sentido.

Como se pode observar, o lócus social é fragmentado em categorizações e, conforme apresentado por Mollica (2007), os indivíduos que se encontram inseridos em comunidades mais afastadas das práticas e eventos classificados dentro da categoria do alto letramento por vezes apresentam um sentimento de diferença e inferioridade. Esse fenômeno leva-os a conceber os estudos sistemáticos e formais como a única forma de assumirem um lugar na sociedade e melhorarem sua qualidade de vida.

Conforme indicado por Lopes *et al* (2018), na contemporaneidade não é incomum a exposição de narrativas que descrevem os indivíduos das classes populares como pessoas com baixo ou nenhum grau de letramento. Essa questão evidencia pontos importantes a serem explorados e superados, posto que esses discursos se ancoram em ideias inscritas em concepções e valores das camadas hegemônicas. Ao buscar superar tais concepções, é importante a materialização de investigações que tragam à cena do debate as produções de letramentos que se consolidam dentro e fora do ambiente escolar para uma leitura contextual e relacional. Quer dizer, criar canais de comunicação em que as pessoas que foram e ainda são marginalizadas possam narrar suas histórias de letramento e seus respectivos atravessamentos no seu processo de desenvolvimento enquanto sujeito no mundo.

Neste complexo cenário, o letramento social pode ser articulado sob uma perspectiva multicultural e pluralista, na qual os indivíduos alfabetizados ou não possam ser contemplados, uma vez que a oralidade desses indivíduos sobre sua realidade se configura como um tipo de leitura (KLEIMAN, 2008). “A leitura desponta junto com a própria existência humana, já que implica palavras em conexão com o universo que habitamos, significações, experiências, conhecimentos, relação com o outro e com a vida” (CRUZ, 2009, p. 176). Assim, pode-se inferir que é possível promover a emancipação dos indivíduos por meio de práticas de letramento que possibilitem um alargamento das interpretações sobre si e sua realidade. Pois muitas vezes as leituras que as pessoas fazem de si e das suas histórias se mostram limitadas por estarem contidas sob o jogo e julgo do poder hegemônico.

4.4 PROCESSOS DE (RE)LEITURA E (RE)ESCRITA DE SI

Dentro dessa cadeia de significações e apresentações, Freire (2013, p. 21) nos lembra que o ato de falar acerca de um acontecido não se reduz à ação de recontar algo, “mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz”. Assim sendo, para a psicologia social de base vigotskiana, a memória não se reduz ao mero acúmulo de informações. Antes, se constitui como um processo psicológico superior que, ao ser semioticamente mediado por diferentes signos, possibilita ao indivíduo a construção de lembranças carregadas de sentimento, imagens e afetos que lhe são pessoais. Pois esses elementos ao adentrarem no campo memorialístico do indivíduo passam a compor o mundo que Vigotski (2007) denominou de mundo intrapsicológico. Nesse mundo pessoal ou subjetivo, a memória é resultado de uma apropriação singular que o sujeito faz acerca da sua realidade objetiva.

Nessa tessitura, o letramento social ao ser relacionado com a trajetória de vida das pessoas possibilita uma prática humanizada, pois ao abrir espaço para o diálogo, contribui para que os sujeitos falem sobre si e se reconheçam como agentes integradores da sociedade e que possuem força para reivindicar não apenas o direito de falar, mas também de coexistir (PEREIRA, 2014; FREIRE, 2019a, 2019b, 2013). Em ato contínuo, Bauman (2009) defende que a construção da identidade do indivíduo enquanto ser no mundo não deve ser interpretada como algo natural; a identidade, enquanto registro e reconhecimento de si, precisa ser criada assim como são criadas as obras de artes.

De acordo com essa premissa, as pessoas podem e devem assumir o processo de (re)escrita de si e questionar determinadas estruturas de poder que se firmaram ao longo da história. Nosso senso de identidade nos permite lembrar nosso passado, avaliar nosso presente e projetar nosso futuro. Isso posto, é possível observar que o indivíduo produz sua própria existência e, portanto, produz a si mesmo na relação com os outros; ou seja, produz e é produzido pelo outro (REIS; SCHUCMAN, 2010, p. 391).

Ao se fazer uma articulação dessa argumentação com a ideia de (re)construção da identidade advogada por Bauman (2009), ressalta-se a presença do letramento social como um instrumento potente nesse processo. Isso porque, ao focalizar as realidades humanas sob uma lente crítica, impulsiona-se a emergência de novos rumos para apreender e transformar sua realidade. Dito isso, é factível a possibilidade de abertura de novos caminhos para a humanidade por meio de uma educação emancipadora. Assim, ao se efetivar ações norteadas pela prudência

do pensamento, é possível desencadear uma nova forma de leitura e interpretação de si e da realidade em que os sujeitos estão inseridos (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Segundo Pereira e Gomes (2019), a cada nova leitura que os indivíduos realizam é posto em cena a possibilidade de ampliação, desconstrução e reconstrução de saberes até então tomados como únicos e acabados. Frente a esta colocação, compreende-se que a cada nova aquisição de saber por meio da leitura, nas suas mais variadas formas, é possível acessar o imanente, o intempestivo e a potência de ação transformadora. Esses elementos são advogados por Deleuze e Guattari (1996) como um conjunto de ações práticas que ofertam ao sujeito um novo posicionamento perante a vida e o viver.

Nesse sentido, falar de apropriação do mundo é necessariamente tratar da ação do sujeito sobre seu mundo social, histórico, individual e coletivo. É um jogo semiótico de múltiplas faces, facetas e desdobramentos. Por exemplo, quando uma pessoa lê um livro ou assiste a um filme, ela está se apropriando de uma representação do mundo e interpretando-a à luz de suas próprias experiências e conhecimentos. Sendo assim, a representação da realidade objetiva por meio da consciência não se produz passivamente, mas sim de forma ativa e criativa. Com isso, novos rumos e construtos sociais e individuais se tornam possíveis no decorrer da transformação prática da realidade.

Em síntese, mudanças sociais ocorrem quando as pessoas começam a questionar e desafiar normas e valores estabelecidos. Nessa perspectiva, o jogo entre a consciência e a realidade pode ser entendido “[...] como um sistema integrado, numa processualidade permanente, determinada pelas condições sociais e históricas. Num processo de conversão, essas condições se transformam em produções simbólicas e em construções singulares” (AGUIAR, 2007, p. 98).

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi buscado introduzir a ideia de que a construção de sentidos é uma tarefa complexa devido às constantes mudanças nas relações sociais. Em seguida, são apresentadas algumas das ideias de Paulo Freire para reforçar o argumento da importância do letramento social como uma ferramenta de luta e resistência contra a sacralização de determinados espaços, símbolos e direitos por grupos dominantes que deslegitimam outras formas possíveis de ser e estar no mundo.

Bem como é argumentado que a visão dominante do ser humano é centrada em uma perspectiva individualista e antropocêntrica, herdada do Renascimento, que posiciona o homem

branco heterossexual como padrão universal. No entanto, essa visão pode ser desafiada por outras perspectivas que enfatizam a importância das relações sociais e da interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente. Isso posto, o letramento social é apresentado como um instrumento importante para promover uma comunicação mais autêntica e significativa com a vida real.

Ao longo da história, o modelo de sociedade dominante tenta impor seus padrões de conduta e humano com o objetivo de homogeneizar e dominar as camadas populares. Isso é evidenciado em diversas práticas sociais, políticas e culturais que buscam silenciar e marginalizar vozes e perspectivas divergentes. Frente ao exposto, é possível constatar que esse fenômeno não é algo passadista; ele se apresenta de forma latente e explícita atualmente. Isso reforça a importância da construção e difusão de novos estudos que problematizem tais questões e operem como um ponto de reflexão e criação de novas relações.

Em linhas conclusivas, é possível constatar que os seres humanos se desenvolvem e se constituem como tal a partir do processo de socialização e interação consigo mesmos, com o outro e com o entorno social. Em ato contínuo, verifica-se que, no curso de sua formação, os sujeitos são apresentados a uma rede complexa de signos, significantes e significados. Isso confere um caráter semiótico ao desenvolvimento humano. Assim, sabendo que estamos diante de um fenômeno histórico, social e cultural, torna-se reducionista pensar a formação do sujeito como algo monolítico ou como um lugar onde o diferente não possui espaço para coexistir.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 58-71.

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p.95-110.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 87-102.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Memórias de leituras literárias de Jovens e Adultos alagoanhenses**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 7-37.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019b.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019a.

KLEIMAN, Angela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KqMWJvwLDpVwgmmVJpFv4bk/?format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

LOPES, Adriana C. et al. Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, Guarulhos, v. 10, p.678-703, jan., 2018.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **O Corpo Negro: Sentidos e Significados**. Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos da UEL, Londrina, v. 1, n. 1, 2011. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. Disponível em: http://www.uel.br/neaa/sites/default/files/revistas/nguzu_miolo_final.pdf. Acesso em 24 jan. 2023.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho**. 2014, 197 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

PEREIRA, Aurea da Silva; GOMES, Jussara Figueiredo. Leitura literária e letramento semiótico na sala de aula. **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 31,

p. 73-87, jan./jun. 2019. Disponível em:
<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/11488>. Acesso e: 10 jan.2023.

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 388-408, ago. 2010. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200010. Acesso em: 10 de jan. 2023.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	CANAIS DIALÓGICOS: UMA PERSPECTIVA PLURAL ACERCA DO LETRAMENTO
RECEBIDO	02/07/2023
AVALIADO	27/09/2023
ACEITO	16/11/2023

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Ueliton André dos Santos Silva
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade Federal da Bahia
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia ofertado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Psicologia pela Faculdade Regional da Bahia (UNIRB). Integrante do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens - GEREL/CNPq-UNEB. Apresenta interesse por estudos ligados aos seguintes temas: Desigualdade socioeconômica; Educação; Ensino-aprendizagem; Desenvolvimento Humano e Psicologia Social.
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autor

Endereço de Correspondência dos autores	de ueliton_andre@hotmail.com
---	---